

EMBAIXO DAS UNHAS

Vitor Camargo de Melo

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021



Ouçá a trilha sonora do romance.

1ª PARTE

*Não vai melhorar
isto é um poema
escute só
não fala de amor
não fala de santos
não fala de Deus
e nem fala do lavrador.*

— MATILDE CAMPILHO

I.

NO TEMPO DAS DILIGÊNCIAS

Raspou o metal frio da corrente de motosserra com a ponta escura da unha. O poder que não se ostenta não garante obediência. Era isso que Avelino, com outras palavras, explicava a Cícero enquanto lhe enfiava a porrada. O fazendeiro arfava. A cadência do inflar e desinflar de sua caixa torácica balançava no ar a corrente, os dentes de metal tingidos de sangue fresco. Para o dono da fazenda, homem feito por si mesmo, o poder é algo arredo que, como touro bravo, mais difícil que montar, é domar. Se o sujeito consegue subir no lombo do bicho, tem que espetar os dentes no couro, enterrar as unhas na carne, e não pode cair.

“Eu já vi muito homem bom levar tombo por causa disso, sabe?” Avelino discursava e limpava o suor da testa com a manga da camisa. “Pensa comigo, peão degenerado dos infernos, pensa comigo. Os safados que trabalham pra mim sempre crescem o olho no que eu tenho. Se eu não meto cagaço nesses merdas, se eu não lembro esses pilantras que eu posso foder com eles, ficam todos abusados. Começam a achar que podem fazer meu trabalho melhor que eu. Qualquer hora, um bosta ganancioso desses resolve me derrubar. Mais ou menos como você fez.”

Avelino coçou a nuca, como se estivesse indeciso sobre o próximo passo. Olhou os fios de sol ainda fracos, mas que

agora se espremiavam pelas frestas nas paredes de madeira e começavam a se espalhar pelo chão. Acenou com a cabeça para Josué. O capataz enfiou as mãos nos sovacos do peão caído e o forçou a ficar de pé. Cícero amoleceu as pernas para aumentar o próprio peso e o capataz bambeou. Foram ao chão os dois. Josué se levantou, murmurando palavrões. Bateu com as mãos nas próprias coxas e espalhou pequenas nuvens de poeira, que desprenderam do jeans grosso de suas calças. Fungou. Fez um bolo de catarro sobre a língua e cuspiu no peão. Como decidiu que ainda estava irritado, jogou o pé direito para trás, balançou o corpo no ar e acertou o chute na costela de Cícero. Avelino o olhava com um meio sorriso. O patrão perguntou se teria que repetir a ordem e Josué meneou a cabeça.

Com a ajuda de outro capataz, Josué levantou o corpo do peão e o apoiou nos ombros, com as costas viradas para o patrão. Avelino girou a corrente e chicoteou com vontade na altura da escápula de Cícero. O homem gemeu. Avelino apertou os olhos de raiva. Rodopiou mais uma vez a arma e desceu o metal contra a carne do empregado, arrancando pequenos nacos de pele escura, que penderam grudados nos dentes da corrente. Cícero gritou e se debateu. Josué e o segundo capataz afrouxaram o aperto e deixaram o homem mergulhar mais uma vez contra o chão de terra.

“Não estou dizendo que seu crime foi muito grave, não.” Avelino sorria, satisfeito. “Nem que uma garrafa de cachaça seja grandes coisas. Mas pensa comigo: se eu deixo passar uma garrafa hoje, você vai se sentir confiante pra roubar outra amanhã. E, se eu deixo passar a de amanhã, outro funcionário vai criar coragem pra roubar um dinheiro no dia seguinte. E, se

eu deixo passar, alguém acha que pode roubar um boi, um pedaço de terra. Se eu não boto limite, peão, daqui a pouco o Josué, ali, tá se sentindo no direito de comer a minha mulher e tomar minha fazenda, entende?”

“Que é isso, patrão. Não fala uma coisa dessas.”

“Percebeu, Cícero? Ele se arrepiou todo só de ouvir a ideia.” Avelino riu alto. “Ele que se meta a engraçadinho.”

O suor gelava as palmas das mãos de Antônio. O ar faltava no peito inquieto. Balançava a perna direita de modo compulsivo. Agoniava-se, apertado entre os dois policiais federais no banco de trás da caminhonete e debaixo daquela máscara de esqui preta e sufocante. A fiscal Cláudia parecia confortável no banco do carona. Tamborilava a ponta dos dedos da mão direita sobre o acolchoado do puta-que-pariu.

A cabine do carro sacudia enquanto o veículo engolia devagar a estrada de terra. O solo, depois amolecido por chuvas já distantes, tinha sido deformado pelo tráfego eterno. Agora, com o chão duro novamente, a caminhonete quicava sobre as corrugações que atravessavam a pista de um lado a outro, parecendo costelas de vaca. O mato alto nas margens ameaçava invadir a estrada e montar barricada contra a passagem indesejada da lei.

O motorista reduziu ainda mais a velocidade, à vista de uma bifurcação à frente no caminho. Cláudia se virou sobre o banco e olhou Antônio nos seus olhos apertados pelos furos irregulares da máscara.

“E aí. Por onde a gente vai?”, perguntou.

“Esquerda. Acho que é pra esquerda”, respondeu Antônio.

“Acha, garoto?”

Antônio se irritava com o jeito da fiscal de chamar-lhe garoto. Era homem já desde menino. E ela era velha. Respirou fundo, mastigou o impropério que lhe veio à boca e engoliu.

“Esquerda. Com certeza é pra esquerda.”

Cláudia sorriu e estendeu o braço à frente do corpo, encedendo uma formalidade desnecessária ao indicar o caminho para o motorista.

Não eram mais que sete horas da manhã, e o calor já ondulava as paisagens. O teto de amianto do barracão fervia em guerra contra os raios de sol que batiam e ricocheteavam. Debaixo da construção, os homens sentiam sua carne cozinhar dentro das roupas. O suor corria pela testa e ardia os olhos. Escorregava pelas costas e arrepiava a espinha. Grudava o tecido grosso das calças contra os pelos das coxas e assava os pés dentro das botas. Avelino abriu os botões da camisa e sacudiu o pano para se refrescar. Tirou o chapéu e, com os dedos, penteou para trás os negros cabelos molhados. Depois voltou a pousar o chapéu Cattleman sobre a cabeça e espremeu o suor que se acumulava na barba.

Cícero esfregou o rosto no chão de terra batida, tentando esconder a boca da tempestade de pontapés que caía sobre ele. Quando os capatazes se cansaram, mastigou os grãos de areia

que lhe invadiram os buracos entre os dentes. Tentou respirar fundo, mas o ar à sua volta não compreendeu a urgência do gesto. Tossiu até a garganta arder. O equilíbrio era precário, não achou boa ideia tentar se levantar. Pensou em todo o álcool que deixou seu corpo, misturado ao sangue, e não entendeu como podia ainda estar embriagado. Um arremedo de sorriso repuxou o canto de sua boca. Estava orgulhoso de si mesmo.

“Patrão, o desgraçado tá rindo do senhor”, apontou o segundo capataz.

Avelino crispou os dentes. Seus olhos faiscaram e as ventas se alargaram. Com a mão direita, agarrou com força o pingente de ouro que se enroscava nos pelos de seu peito. Jesus crucificado. A corrente de motosserra, presa à mão esquerda, agora arrastava a outra ponta no chão, formando um rastro por onde o fazendeiro passava. Caminhou lentamente em torno do peão caído, como se avaliasse por onde atacar.

Abaixou sobre Cícero, apoiando o joelho em suas costas. Depois sentou na lombar do peão. Pegou na sua testa e puxou a cabeça para trás. Passou a corrente pelo pescoço esticado, apertando o metal contra o seu pomo de adão. Enrolou as pontas da correia nas próprias mãos e as cruzou nas costas do empregado. Cícero raspou a garganta, ansiou vômito e babou. Avelino aproximou o rosto do seu ouvido.

“Você é um homem religioso, Cícero?” O peão gorgolejou, tentando dizer que não. Avelino prosseguiu. “Pois eu sou. Tem uma passagem que eu gosto muito do Pentateuco. Você sabe o que é o Pentateuco, Cícero?” O peão respondeu com

Contato:

vcamargomelo@gmail.com

www.revistaseca.com



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em maio de 2021.
